

PAPANICOLAU

ELE ESTÁ NA BERLINDA

O principal teste para rastrear o câncer do colo do útero apresenta um índice de falsos negativos que pode chegar a mais de 60%.

Por isso os médicos alertam: não adianta fazer esse exame a cada 18 meses ou dois anos. Ele só vale se for repetido anualmente com disciplina ferrenha. Entenda por quê.

Na visita anual ao ginecologista, não há mulher que saia do consultório sem o pedido do exame de papanicolau. No entanto, ele está sob uma saraivada de críticas, disparadas por médicos que duvidam da sua confiabilidade. Ora, até seis em cada dez testes com resultado ok apresentam um falso negativo. Ou seja, afirmam que está tudo bem quando há uma lesão em andamento. “Esses índices variam de local para local e dependem de fatores que vão desde a maneira como a amostra é coletada até a leitura do material”, explica Newton Sérgio de Carvalho, presidente da Comissão Nacional Especializada em Trato Genital Inferior da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo).

Criado em 1940 pelo médico grego George Papanicolau, radicado nos Estados Unidos, o teste é simples. Consiste na raspagem para coletar células do colo do útero. Elas, então, são transferidas para uma lâmina de vidro, e, em seguida, fixadas e colorizadas para a análise ao microscópio. No entanto, dependendo da interpretação visual e pessoal do técnico que examina a amostra pelo equipamento, células defeituosas provenientes de um câncer podem passar despercebidas. “A tarefa de analisar as amostras é extremamente cansativa”, lembra a farmacêutica Suelene Tavares, da Universidade Federal de Goiás. “O profissional gasta em torno de 15